

CEDI - P. I. B.
DATA 11/11/51
11/11/51

PRELACIA APOSTOLICA
- DE -
GUAJARA - MIRIM
Território de Roraima - Brasil

Guajará - Mirim, 6 de Fevereiro de 1932

Exmo. Sr. MONTENEGRO,
DD. Diretor do
CORREIO DA MANHÃ

Cordiais saudações !

Labutando em paragens tão longínquas, as raras notícias que nos atinjam não chegam por cá com muito atraso e sobretudo muito fragmentada. Como as piores têm geralmente mais resistência, correm na frente.

Assim é que o já conhecido "arrombador de malas", chamado José Fernando Cruz, teria roubado o nosso Bispo de Guajará - Mirim de ter desviado uma Cr. \$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), destinados à pacificação dos índios Pacaas Novos. E seria esse o motivo do conflito entre ele (Fernando Cruz) e a Prelazia de Guajará - Mirim.

Venho pedir a Vossa Senhoria, si tal acusação realmente existe, explicar que o Sr. Fernando Cruz nos indicou de modo exato :

- 1ª) - A fonte desse dinheiro
- 2ª) - A soma exata recebida pelo Bispo de Guajará - Mirim.
- 3ª) - A data em que foi esse dinheiro entregue ao Bispo de G. Mirim.
- 4ª) - O modo como foi esse dinheiro pago ao Bispo de Guajará - Mirim.
- 5ª) - Com quem ou onde se acha o LUCRO (ou os recibos) desse dinheiro.

Caso o Sr. José Fernando Cruz não nos dê essas informações, para a Justiça poder averiguar a verdade, estou disposto a contratar Advogado para as colher. Mas não será possívelmente em favor do Sr. Fernando Cruz. Sabe ele o que seja um processo por "culúnia" ? - Talvez os milhões colhidos com as famosas fotos não lhe sejam suficientes para o enfrentar.

Para que V.S. possa, com mais facilidade, esclarecer o povo e desmanchar as lavadas mentiras e as monstruosas calúnias de velhacos e maldosos como um José Fernando Cruz, talvez lhe seja útil conhecer algo sobre a atuação do nosso caro Bispo de Guajará - Mirim, Dom Francisco Xavier Rey, as razões e o resultado dessa mesma atuação, particularmente no que diz respeito à "pacificação e civilização" dos índios de toda esta zona tão distante e esquecida.

O nosso Bispo desde os primeiros dias da sua chegada a esta Prelazia, em 1932, teve como principal objetivo "pacificar e civilizar" as numerosas tribos de índios ainda selvagens, integrantes da grei confiada aos seus cuidados de Pastor de almas. (Oxalá tivessem o S.P.I. naquele momento, compreendido o alcance e a eficácia de tais esforços ! ...).

Durante os primeiros 20 anos incipientes e tenazes foram os esforços do Bispo para chegar à concretização do grande e ardente ideal : "pacificar e civilizar os índios e integrá-los, como cidadãos deus, à grande comunidade Brasileira. Para isso nada poupou, nem a sua própria pessoa e a sua vida. Prova - o a fundação saudiciosa da cidade " Santa Terezinha ", na localidade denominada : " São Luiz ", nas margens do Rio Branco, afluente do Guaporé. Nesse lugar o Sr. Bispo, único civilizado no meio dos seus índios recém-pacificados, a muitos dias de difícilíssima viagem subindo o Rio Branco, instalou possante "maquina a vapor", (nas suas horas ele é também mecânico, marceneiro ou engenheiro construtor), erigiu a maior serreria existente na época em todo o Território do Guaporé, construiu casas arruadas e muito bem acomodadas para as famílias dos índios que vieram morar na sua " cidade incipiente ". Tratou cuidadosamente de grandes e pequenos, (pois tambem o Sr. é médico, tendo feito o seu curso de medicina em Faculdade da França).. Com os seus índios plantou extensas " roças ", impôs a fatura e com ela grande alegria entre os componentes da "grande Maloca", como os índios mesmos chamavam ao seu povoado. Isto provocou bello entusiasmo entre todas as tribos vizinhas, cujos componentes já se dispunham a locomover-se para a " Grande Maloca do Papai grande ", decididos a fixar ali a sua residência principal.

Mas certos interesses de terceiros ontravam aqui em jogo: Uma pacificação e civilização total dos índios, sobretudo dotando-os de boa cultura e em -

PRELAZIA APOSTOLICA

- DE -

- 2 -

GUAJARA - MIRIM

Episcopio de Rondonia - Brazil

— 22 —

pla autonomia económica, fim para o qual convergiam os esforços do Sr. Bispo, vinha destonar certos poderes económicos já situados e baseados no braço gratuito. Daí o "choque". Daí as dificuldades encontradas pelo Sr. Bispo que só já muito tarde conseguiu do Governo algum apoio para os seus trabalhos. Daí o assalto feito ao povoado por parte de "seringueiros e seringalistas", com o fim de convidá-los e levá-los para as seringueiras e explorar os seus trabalhos e a sua boa fé e simplicidade insonna. O resultado foi o desde muito previsto pelo Sr. Bispo: Além de todas as desordens e maus costumes ensinados aos índios, logo vieram as doenças trazidas pelos civilizados que por lá se misturavam. Finalmente tantos foram os aborrecimentos, tantas as dificuldades ocasionadas pela entrada dos "pseudo civilizados" e pela falta de apoio por parte das administrações, que os próprios índios se aborreceram e o Padre que lá ficara tomou a direção no lugar do Sr. Bispo, achou mais conveniente deixar que os índios se dispersassem novamente, voltando para as suas "malocas".

Isso nunca afastou, porém, ao nosso exímio Prelado do intento de "tudo tentar" para a pacificação e "integração dos índios à comunidade brasileira".

No lado mesmo da cidade de Guajará-Mirim habitam os, até há pouco, temíveis e tercos Picaas Novos. Ninguém ignora o pesado tributo pago pela Prelazia de Guajará para a pacificação desses índios, na pessoa do Padre Mauro por eles devorado nas margens do rio Ouro Preto. Era pois uma das grandes preocupações do nosso caro Bispo, a pacificação quanto antes desses índios, para o bem deles mesmos e para a tranquilidade dos civilizados que já nem mais podiam transitar pelas estradas sem perigos ataques e de morte. Aguardava-se uma ocasião sã oportuna.

Aos 17 de maio de 1961, pelas nove horas da manhã, dois senhores se apresentam a esta prelazia, para conversar com o Sr. Bispo. Eram os senhores José Fernando Cruz e Gilberto Barbosa Gema. Entre lamurias e desalentadoras confissões, o Sr. Cruz expõe ao Sr. Bispo o fim da sua vida para esta cidade, as dificuldades que vem encontrando e suplica ao mesmo um apoio junto das autoridades e dos comerciantes da cidade, para ele poder realizar a pacificação dos Índios Picaas Novos, missão para a qual fora mandado a esta cidade, e para a qual se acha impotente, pois o S.P.I. nesta cidade não goza de crédito para a aquisição de "uma caçapa de alfinetes".

O Sr. Bispo, a par já da "guerra" que se organizava contra a Pacificação por parte do próprio S.P.I. e desejoso de ver terminado o problema de "índios bravos" nestas paragens e às portas da nossa cidade, não somente deu o seu apoio moral e encorajamento ao Chefe da Expedição de Pacificação, mas empenhou o seu crédito financeiro na cidade de Guajará-Mirim, afim que ele pudessem adquirir o necessário para o seu empreendimento.

Em posse (e abusando aliás) desse crédito, o Sr. Fernando Cruz pôde acudir, na praça de Guajará-Mirim, um conjunto de mercadorias de todo o genero, num valor de Cr.\$ 3.200.000,00 (três milhões e duzentos mil cruzeiros carregou as embarcações e rumou em direção ao Rio Negro e Ocaia, fazendo-se acompanhar por um sacerdote da Prelazia, o mesmo autor deste rápido esboço, e que seria ao mesmo tempo o "enfermeiro da expedição e encarregado da vigilância pela conservação da Moral e Bons Costumes", conforme anunciou o Chefe ao Sr. Bispo.

O próprio Sr. Bispo, tomando a sério o empreendimento, subiu o rio, poucos dias após, em companhia do Sr. Prefeito Municipal, o Sr. José Saldanha, e foi pessoalmente visitar os setores das atividades, ainda preparatórias, para a entrada em contato com os tão temidos Picaas Novos, cuja pacificação desde há quarenta anos vinha sendo esperada, mas sempre protelada, pela fraqueza do S.P.I.

Permaneceu S. Excia. varios dias conosco, no acampamento do Rio Negro, auxiliando muito na organização do mesmo, e subiu parte do rio Ocaia, com o fim de inteirar-se do trabalho a se realizar para a concretização dos primeiros contatos e da pacificação.

De volta a Guajará, nada poucou para auxiliar os trabalhos, e para entusiasmar, quer ao povo e às autoridades, quer ao próprio Governador, Sr. Major Mafra, pela causa da Pacificação e civilização dos índios Picaas Novos.

Realizados os primeiros contatos com os índios bravos, constatamos que estavam em completa deficiência de artigos da mais urgente necessidade para o prosseguimento dos trabalhos: Medicamentos, Machados, Facões, Panfias e roupas, (numero de índios em perspectiva era muito superior ao que se tinha primeiramente suposto). Uma comissão popular por mim mesmo organizada nesta cidade, para angariar donativos, muito pouco produziu comparado á grande e urgente necessidade que nos colocava em sérias preocupações.

O Nosso Bispo então volve para São Paulo e Rio, consegue alguns donativos, compra o restante, graças ao seu grande prestigio, consegue do Ministério da Aeronautica um avião da F.A.B. que o coloca em Guajará-Mirim com "400 machados,

PLAZIA APOSTOLICA

- DE -

GUAJARA - MIRIM

Setor de Rondônia - Brasil

- 3 -

4008 (quatro centos) facões, 300 panelas de alumínio, 400 canôcos de alumínio, 600 cobertores, muita roupa feita, réguas, e, sobretudo, mais de 200 (duzentos) quilos de medicamentos, dos mais modernos antibióticos e antigripais, para reavermos energicamente as doenças, sobretudo a gripe, que, com o nosso contato, se implantara entre robustos e valentes Tacuas Novos.

Enquanto eu organizava campanhas na cidade de Guajará Mirim, e o Sr. Bispo se debatia com ingentes sacrifícios pelas ruas de S. Paulo e do Rio, o Chêfe da Expedição, Sr. José Fernando Cruz, satisfeito por certo, com os primeiros sucessos, tomava umas fériasinhas em Manaus, Belém e Riberalta, fazendo concursos de "bebidas" em farras e bacanais.

Graças a esse material, mesmo com a total falta de administração do Sr. Cruz, pudemos enfrentar o resto da campanha que se prosseguiu até a total pacificação da grande tribo dos Tacuas Novos.

Até esse momento, não vejo como o Sr. Bispo teria podido conseguir verbas para meter "nos bolsos". O próprio Governador já se queixava a mim e ao Sr. Fernando Cruz, por não ter absolutamente "nada" com que pudéssemos socorrer as mais promentes e urgentes necessidades em que nos debatíamos. O único nos poder socorrer naquele momento de angústia foi o Sr., com prestígio e com dinheiro d'ele, e não da Expedição que até naquele momento não tinha recebido um centavo. Convicção esta geral e que perdurará até que o Sr. Fernando Cruz prove o contrário, para o podemos segurarmos na "forma da lei".

Na nossa viagem através das selvas, visitando todas as "malocas", guiados então pelo valoroso e inteligente "dramaticôa" (chêfe guerreiro) Matchu-mian'ha, constatamos o numero apavorante de doentes e vítimas prostradas por uma gripe catastrófica. Diziam-nos os próprios índios que "uma metade da população tinha morrido em quasi todas as aldeias". O restante estava ali, diante dos nossos olhos, não podendo nem parar em pé, homens e mulheres, velhos e crianças, esgotados pelo perigo passado e queimando ainda os fôros de gripe. O Sr. Fernando, cujo interesse pelo índio, como pessoa humana, é muito reduzido, se propunha passar apenas por mais uma "maloca" relativamente pequena e onde, ao dizer dos índios guias, não havia doentes, e daí o nosso grande Chêfe da Expedição já determinava rumar para a sede do seringueiro Sr. Lucílio, que lhe tinha prometido um colossal banquete, com "cachaca" à vontade, para o dia da saída lá, como "encerramento" da "pacificação". Não tendo mais mão dos infelizes índios, o que se astringia nesse momento os nossos "expedicionários" era "a cachaca". E só se falava em beber "para rolar".

Perante isso, e como a "cachaca" não me atrai, e sim a alma e a pessoa destes infelizes índios que tinhamos ido buscar pelas matas, propuz ao Sr. Fernando ficar eu com os índios, enquanto a Expedição continuasse percorrendo os últimos trechos, já agora sem perigo, rumo ao rio Tacuas Novos.

Não somente concordou o Sr. Fernando com a minha proposta, mas entregou-me um documento manuscrito e devidamente assinado, nomeando-me "Chêfe de todo o Setor Rio Negro e Ocian", isto é de "toda a zona habitada pelos índios recon-pacificados".

Estabelecido "chêfe supremo" dos trabalhos neste Setor, tratei imediatamente de remover os meus doentes para lugar mais seguro e mais facil para eu poder sosinho atender a todos o meu "Hospital" (folhas de bananeiras selvagens lançadas ao chão e sobra de qualquer arvore, era toda a nossa rica instalação).

Com cinco dias de intermináveis lutas e fadigas, auxiliado pelos próprios os velhos, e pelos poucos trabalhadores deixados comigo, carregando doentes, grandes e pequenos nas costas, a travez de espessas matas, finalmente consegui fazer uma primeira concentração na grande aldeia dos C R O D A U N S, comandada pelo tuchua (dramaticôa) Eandia. Reuni ali a bagatela de noventa e oito índios doentes, dos quais cinquenta não se levantavam.

Remédios, tinhamos e muito, graças a Deus ao nosso Bispo. Mas o ali estava nas ultimas reservas, a caça é rara nesse lugar. Tive que muitas vezes abster-me do meu "bocado" e fazer o mesmo sacrificio aos meus companheiros, para fazer dar alguma coisa aos meus caros doentes.

Enquanto deixava os doentes tomarem um descanso para podermos continuar fui fazer uma visita de amizade a uma "maloca" O.OCCE que o Sr. Fernando preferira deixar de lado, por medo das fúrias dos seus valentes guerreiros. Foi recebido como "velho amigo", proveu disso é que toda a "maloca" acompanhou - me até ao Rio Negro. (para grande despeito do Sr. Fernando Cruz).

Novo movimento iniciamos, transportando agora os doentes para barracão do Rio Negro, sede principal da Expedição, onde tinhamos provisões e muito mais facilidade para a caça e para a pesca.

Fôram ainda vinte e poucos dias de lutas e sacrificios, carregando doentes e medicando-os dia e noite. Mas após os sacrificios, tive a satisfação de ver finalmente um sorriso de alegria nos labios dos meus índios: O peixe e caça

atuidades forneceram o melhor técnico de que necessitavam. Homens e mulheres, grandes e pequenos, aos poucos iam-se levantando e se robustecendo. Já todos os dias grupos se formavam desde cedo, para virem pedir machados, terçados e panelas, e saíam pelas matas em busca mel ou de castanhas, ou iam pelo rio donde sempre regressavam carregados de frutas ou de peixes.

O amor à vida, uma nova esperança desmontava novamente na alma desse povo tão simples e bom, cordato e carinhoso como talvez nenhum outro dos nossos numerosos índios... Mas...

A isto tudo o Sr. Fernando Cruz não assistiu. Nada disto ele quiz conhecer...

Encerrada a primeira fase da "pacificação", varado que foi ao rio Pecos Novos, o Sr. José Fernando Cruz, de lá mesmo, regressou a Guajará Mirim, apressado que estava para receber os elogios e festas que (no pensar dele) o deviam estar aguardando em grande alvoroço e imbecilidade. Mas foi o contrario que se deu: A conduta do Sr. Fernando na cidade, nas passagens precedentes e sobretudo o seu procedimento para com os trabalhadores e suas famílias, (esbanjando dinheiro enquanto elas passavam fome), não eram dematureza a exitar grande entusiasmo na cidade. Ao seu desembarque, como ao seu desfile pela cidade, apenas alguns curiosos se deixavam atrair, não pelo Sr. Fernando, mas pelos índios que o acompanhavam, também curiosos, vendo pela primeira vez uma cidade de civilizados, e receosos ainda por tudo quanto os poderia aguardar por traz desses muros.

A frieza, a indiferença, o descaio do povo, revoltou sobretudo ao Sr. José Fernando Cruz, no seu pensar, o maior dos heróis dos tempos modernos, signo de todos os tempos.

Ao chegar à Prelazia, o pretense conquistador vem, de modo muito incorreto, não pedir, mas "exigir" do Sr. Bispo mais dinheiro, para os seus dias de descanso e para as suas "bacanais".

O Sr. Fernando, lhe responde o Sr. Bispo, mostrando o relógio no pulso o meu relógio parou pra a Expedição, até que o Sr. dê contas de tudo quanto lhe foi confiado: Todas as famílias dos trabalhadores da Expedição, estão aqui na cidade, passando fome e extremas necessidades. No entanto vultosa soma foi confiada ao Sr. parxxxixxi pelo Sr. Prefeito Municipal de então, com o fim único de empregar a essas famílias até à regresso dos pais, no fim da Expedição. Tanto as famílias dos trabalhadores como o Sr. Prefeito e o povo todo, pedem-lhe agora contas desse dinheiro, do qual nem um só centavo foi empregado na finalidade prevista. O amparo das infelizes famílias tem sido até agora esta Prelazia: Todos os dias pela manhã forma-se nesse corredor uma fila de mulheres e crianças em busca de víveres para a sua casa, remédios para os seus doentes, dinheiro para os seus gastos. -- Todos os trabalhadores da Expedição, desde o primeiro dia até o dia de hoje, só se têm hospedado nesta Prelazia e só encontram comida à nossa mesa, porque em outra parte ninguém os recebe.

Sr. Fernando, após tantos gastos já realizados, após tanto abuso da confiança que em si depositámos, após tanta má administração, vamos agora fazer um "balanço" de todo esse período passado, o Sr. vai dar uma satisfação às famílias dos trabalhadores e à cidade revoltada, e depois estudaremos o modo de proceder no futuro."

A chegada do Sr. Fernando em Guajará parecia, a essas famílias infelizes, uma esperança na desventura. Mas ele, Sr. Fernando, nada via disso tudo. A desgraça alheia era para ele um recreio, uma ocasião de mofas: "Vou me embôrra e dou uma "banana" a essas "bestas", dizia muitas vezes o Sr. Fernando. --

Que procurou ao sair do mato? -- Aliviar tanta desventura que ele provocara? -- Eo!... -- Bebidas e mulheres eram as únicas preocupações desse infeliz desequilibrado e paranóico. Mas para essas baixas satisfações, fez-se ainda necessário o "dinheiro". E isto, até o Bispo, a quem ele julgava ter tão bem enbevecido, lho recusava.

Atônito, o Sr. Fernando para um instante. Examina a sua situação: Lá fóra, as autoridades e todo o povo da cidade, horrorizados pelos escândalos e pelo abuso de "confiança" constatados na posse do Sr. Fernando, exigem do mesmo contas do passado e "fóchumline qualquer crédito" para o futuro. Aqui, na Prelazia, casa onde ele, (Fernando Cruz), entende mandar, o Sr. Bispo desenganado - o já na chegada... -- Após curta reflexão, o Sr. Cruz, vê-lhe matreiro, julgou ter encontrado a chuva que procura: Compõe uma fisionomia toda altaneira, irritada e imerosa. Com isso, ironica, insulta, ameaça...

Mas o efeito foi exatamente o contrario do por ele esperado: - O Sr. Bispo, calmamente, responde-lhe que: 1º) - está em sua casa, e não admite insultos de "intrusos". - 2º) - Não tem medo alguma das ameaças de um comunista -

Estava o Sr. Fernando Cruz, até então, hospedado na Prelazia, com tudo ao seu dispor, e à vontade. Perante isso declarou perante todos os Padres e o

PRELAZIA APOSTOLICA
-- DE --
GUAJARA - MIRIM
Território de Rondonia - Brasil

- 5 -

próprio Sr. Bispo, que "não precisava da hospedagem de cretinos". " Não suportava na sua frente caras feias e amarradas ". -- Dito isso, tomou a sua mala e retirou-se para a casa de um suposto amigo. -- Lá só trabalhou para aumentar sempre mais o seu "veneno" contra o Bispo e a Prelazia. -- Lá planejou toda a sua campanha de latrocínios e ódios contra a Prelazia e o Padre que tomou parte tão ativa nos trabalhos dessa "pacificação" que tanto renome devia ter dado ao Sr. Fernando Cruz, não fora ele o paranóico que é. -- Lá calculou ele os meios para arrebatar as malas do Padre Roberto, roubar-lhe as fotografias que lhe pertencem (não renunciarei aos meus direitos), e afirmar cinicamente nunca ter estado na Expedição quem por ele trabalhou muito mais do que o Sr. José Fernando Cruz. (Aqui vivem as testemunhas oculares que podem ser interrogadas por qualquer homem réto que deseje conhecer a verdade ao bre o assunto).

Em consequência da minha posição de Provincial da minha Ordem no Brasil, tive que viajar para o Sul, nos fins de Setembro de 1961. -- Livre da minha presença incomoda na Expedição, o Sr. Fernando Cruz tratou logo de assenias a Moral por ele tão apreçada, levando para o barracão do Rio Negro uma pobre jovem, por ele iludida com promessas de "casamento", do fato para servir de repasto a ele (Fernando Cruz) e aos seus amigos. -- Prometeu-lhe com juramentos "caçar - se com ela. Esteve com ela até na Delegacia de Polícia local para regularizar os seus papéis para esse fim (ela é de nacionalidade boliviana). -- E agora ?... Ai está ela ao lado, a pobrosinha, chorando a sua ingênua credulidade ...

E) (S) (R) (Q) ? -- Foi só chegar ao barracão do Rio Negro, onde eu tinha deixado os índios em plena convalescência, tomei muitas fotos, com filhas que eu mesmo lhe cedera, para depois dividirmos, fotografou as tais cenas de "antropofagia", e logo depois ordenou a dispersão. Infortunados Índios !...

A gripe e a presença nossa no meio das tribos impossibilitaram-lhes abertura de roças e plantios novos. Os infelizes nada deixaram em suas "malocas", nós, com a concentração de doentes, consumimos as suas provisões de milho. Era, pois mandá-los para a morte, e a morte de fome. (Jornalista não em nome de...)

O S.P.I., na sua possante e já proverbial incapacidade, fez como sempre Abandonou os infelizes índios aos cuidados de um pobre funcionario analfabeta, que, no meio de um montão de remédios já deixados pela Prelazia, deixou os índios morrer com gripes e diarreias, porque não sabeia ler o nome dos medicamentos, não sabe qual deve aplicar em cada caso. Lá estão ainda uns vinte índios no barracão, comendo pamonha do restante de tubá e leite fornecidos pela Prelazia, contra determinações do S.P.I. -- O restante dessa pobre gente, está atualmente, perambulando pelas matas, à cata de palmitos e cocos do babassú. Quando não aguentam mais andar, deitam-se e morrem abandonados e à míngua. -- O Sr. Bispo e os Padres, sabedores disso, protestam contra tanta infâmia. O Sr. Fernando, autor direto de tamanho infortúnio, exaspera-se, e volta as chamas do seu ódio gratuito contra a Prelazia personificada no seu Bispo. É, valente como sempre foi, a consciência afortada em barris de Whisky e o coração no meio de "prostitutas", valente e heróicamente vai arquitetando as suas calúnias e ardilosas mentiras, tentando prejudicar ao Sr. Bispo e à Prelazia a quem unicamente esse doente mental deve toda a sua fama de "Sertanista e de Pacificador dos Índios Povos Novos"...

Tivesse ele sabido aproveitar a ocasião, e teria passado para a História nacional. Sem esforço algum, seria um herói. Mas ao invés, terá que ser apontado apenas como um "ladrão" o grande "mentiroso" e "caluniador".

Encerro, Sr. Diretor, este Resumo já bastante demorado, e fico aguardando a resposta do Sr. Fernando Cruz sobre a "origem" do dinheiro "desviado pelo Sr. Bispo de Guajará Mirim.

Ao presado Amigo os nossos mais sinceros Votos, como a todo o seu Jornal. Sua Excia. o Sr. Bispo apresenta também a V.S., em nome seu e de todos os Padres daqui, as suas cordiais saudações e votos de felicidades para V.S. e sua Exma. família.

Com saudações mil cordiais

)))

Frei Roberto Gomes de Arruda